

O LIVRO DE MAGDALENA CAMUCÉ

O Dia – 26 de agosto de 1937.

Um livro cheio de poesia é o que nos traz a srta. Magdalena Camucé. Escrito com simplicidade e galhardia, deve ser apreciado com o sentimento. Não vem intelectualizado, arcado de notas rítmicas pesadas. Vê-se, desde o início, que a maior preocupação da autora foi fixar, em duas pequenas páginas, em pequenas linhas, um grande romance das cidades, à maneira de Humberto de Campos, a quem devemos as linhas mais ardentes sobre essas pequeninas tragédias ignotas e desconhecidas de todos os dias.

Carta a um Menino que Não tem Mãe é um documentário sublime de emoções suaves. “O destino, cedo, já marcou você. Mais tarde, homem feito, por muito que a vida lhe tenha dado em riquezas, você será sempre um homem triste, terá sempre pela metade a sua alegria”. Veja o leitor quanta poesia nessa curta frase. O pequeno ensaio sobre **Silvia Serafim** traz muita palavra nova de angústia. Vejamos esta outra frase: “Não conheci, em pessoa, Silvia Serafim. Apenas sabia que havia nascido mulher bela, inteligente e sensível, isto é, largamente dotada para não ser feliz”.

A srta. Magdalena Camucé escreveu livro sério demais para um espírito moço. Sério e profundo. As palavras sobre Silvia Serafim, repito, devem ser meditadas, marcadas a compasso, emoção por emoção.

Eis o que se pode chamar um belo livro, onde trabalhos de resignação triste, de cativante sensibilidade, dolorosos por vezes, vêm anunciar aos quatro ventos do Brasil o aparecimento de uma escritora de pulso, de uma mulher que sabe dizer o que sente, que tem o coração na terra e o cérebro sobre as nuvens.

Que predileção pelo silêncio, pela sombra, pelas paisagens mortas! Quanto amor pela luz, pela imensidade desse nosso imenso! Eu acredito na arte da srta. Magdalena Camucé, nessa arte que nasce do coração e passa pela inteligência.